

## MODERNIDADE DE ENXURRADA

BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Lembramos da força da água quando acontecem chuvas intensas que provocam enxurradas e inundações. É comum nesses momentos casas desmoronarem, pedras deslizarem, barrancos despencarem. Praticamente todo ano somos testemunhas dessa força em alguma região do país, trazendo tragédias e prejuízos para parcela da população. Em toda força destruidora, há também possibilidades de reconstrução e de recomeço.

O sociólogo polonês [Zygmunt Bauman](#) optou pelo uso da expressão “líquida” para definir a modernidade, ele mesmo explica que este termo expressa melhor as características atuais da sociedade do que o termo “mole” usado por [Nigel Thrift](#) : *O capitalismo software não é menos firme e duro que seu ancestral hardware. E líquido não quer dizer mole. Basta pensar no dilúvio, numa inundação ou na ruptura de um dique.* (2001:251).

A força demolidora do capitalismo já tinha sido detectada por outros autores como Karl Marx que dizia *que tudo o que é sólido se desmancha no ar*. Mas essa força revolucionária da modernidade acontecia como um trator em uma demolição nos primórdios do capitalismo, enquanto que agora ela ao mesmo tempo em que tem uma força semelhante tem também a capilaridade e a velocidade conseguida pelo “líquido”.

Deixando as metáforas de lado vamos às teses. Bauman divide o seu livro em cinco temas: Emancipação; Individualidade; Tempo/Espaço; Trabalho; Comunidade. A questão norteadora é o que mudou na passagem de um capitalismo sólido para o líquido. A velocidade das transformações que levaram a expansão do capitalismo da Europa para o mundo no processo que chamamos de globalização transformou o cenário das instituições e das percepções.

Cada capítulo do livro pode ser lido separadamente como um ensaio. No capítulo que ele trata da emancipação o tema é o da liberdade e o desejo de libertar-se. *A libertação é uma bênção ou uma maldição?* Pergunta Bauman. A resposta não é tão simples pois a liberdade não é uma garantia de satisfação ou

de felicidade. A discussão entre segurança da rotina e das certezas e as promessas da aventura e da liberdade aparecem como um dilema nos tempos da modernidade líquida: *Abandonai toda esperança de totalidade, tanto futura como passada, vós que entraís no mundo da modernidade fluida.* (2001:29). Bauman entende que estamos em uma encruzilhada não porque precisamos alcançar a liberdade, mas por que a agenda da liberdade se cumpriu: *a agenda da libertação está praticamente esgotada.* (2001:30). Conseguida a autonomia proposta pela teoria crítica, a emancipação do homem não cumpriu a promessa que era o fim o do sofrimento humano. *Pessoas indiferentes são uma das consequências da emancipação.* Essa percepção foi apontada também pelo teólogo [Jürgen Moltman](#) no seu livro *Paixão pela vida*. E isto solapa a cidadania. Se a autonomia proposta na modernidade sólida aparecia como uma crítica aos estados totalitários, na modernidade líquida Bauman propõe a ressurreição da esfera pública contra o invasor privado. (2001:62).

A questão da emancipação conduz a outro tema que é o da construção da individualidade na modernidade líquida. Dialogando ainda com Nigel Thrift ele utilizará dois tipos propostos por este autor: O mundo da ordem: *discurso de Joshua*; e o mundo em que a ordem é a exceção: *discurso do Gênese*. Para Bauman o discurso de Joshua caracterizava a modernidade “dura”, enquanto agora vigora o discurso de Gênesis. O mundo fordista sustentava a modernidade sólida *o fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase “pesada”, “volumosa”, ou “imóvel” e “enraizada”, “sólida”.* (2001:69). O fordismo transformou-se na realidade sólida prendendo o trabalhador na fábrica evitando a rotatividade com uma política salarial que evitou a rotatividade da mão de obra. A implicação disso é que o trabalhador criava uma identidade com o seu local de trabalho. Nessa forma de sociedade a ação racional é instrumental. Ainda utilizando Max Weber ele define a ação racional da modernidade líquida *obcecada por valores*, e isto acontece por que se vive em um mundo *cheio de oportunidades*. E o que melhor representa esse mundo cheio de possibilidades é a possibilidade de consumir, que não se restringe apenas as coisas, mas também as idéias e as sensações.

Não se compra apenas comida, sapatos, automóveis ou itens de mobiliário. A busca ávida e sem fim por novos exemplos aperfeiçoados e por receitas de vida é também uma variedade do comprar; e uma

variedade da máxima importância, seguramente, à luz das lições gêmeas de que nossa felicidade depende apenas de nossa competência pessoal, mas que somos pessoalmente incompetentes, ou não tão competentes como deveríamos, e poderíamos, ser se nos esforçássemos mais. (2001:87)

A formação do indivíduo não se dá mais como produtor, que exige disciplina e regra, ele se educa como consumidor que é orientado pelo desejo. Conceitos como *necessidade* dão lugar ao de *adequação* de estar sempre pronto para aproveitar a oportunidade. Neste momento Bauman faz a distinção entre aptidão e saúde, o consumidor deve estar apto que diz respeito a quebrar normas e superar todos os padrões. Por sua vez, a saúde diz respeito a seguir as normas, tem a ver com o cuidado. A adequação tem levado a uma mudança na forma do homem moderno perceber a saúde, pois a idéia de saúde anteriormente claramente circunscrita tornou-se *confusa e nebulosa*. O que levou a uma preocupação constante com saúde, alimento, e os mais diversos tipos de cuidados com o corpo.

O consumo em uma sociedade veloz e fluida torna-se assim *um ritual de exorcismo*. Enquanto na construção da modernidade o ascetismo era o padrão aceitável, na modernidade líquida é o excesso que é requerido. Para haver a compatibilidade entre a aptidão e a saúde requer uma série de mecanismos e estratégias como consumir alimentos especiais, ou sem calorias, por exemplo. Há uma construção da individualidade marcada pela liberdade de consumir. Bauman utiliza o conceito de *liberdades distribuídas* que tem como contradição *a desestruturação, fragmentação e desarticulação*.

No capítulo que Bauman trata da questão tempo e espaço ele dialoga com [Richard Sennett](#) que define a cidade como *um assentamento humano em que estranhos têm chance de se encontrar* (2001:111). Para haver o encontro de estranhos são necessárias regras de civilidade. Ou seja, os homens para poderem se encontrar se tornam pessoas públicas (*personae públicas*). E a cidade estabelece lugares que são identificados como espaços públicos que se caracterizam por uma característica de ser espaço comum como, por exemplo, as praças. Há também na cidade outro tipo de espaço público que não tem uma característica civil que é o espaço destinado aos consumidores. É este “novo” espaço que irá estabelecer também uma nova sociabilidade.

Bauman estabelece uma tipologia de lugares. Utilizando uma sugestão de [Claude Lévi-Strauss](#), que em relação a alteridade diferenciou eras antropológicas e antropofágicas. Os espaços *êmicos* são aqueles pensados estrategicamente para expulsar os estranhos e alheios como *a separação espacial, os guetos urbanos, o acesso seletivo a espaços e o impedimento seletivo a seu uso*. (2001:118). Por sua vez, os espaços que utilizam uma estratégia *fágico* são aqueles destinados ao consumo. Estes dois espaços são considerados espaços *públicos-mas-não-civis*.

Há um terceiro tipo de lugar público que ele tipifica como “não-lugar” que é caracterizado por ser *destituído das expressões simbólicas de identidade, relações e história*. Estes lugares que ocupam cada vez mais espaço são os aeroportos, quartos de hotel, transporte públicos, auto-estradas. Outro tipo de espaço é chamado de *espaço vazio* que são assim denominados pois são vazios de significado, são espaços não vistos e não utilizados, como que sobras urbanas. Neste caso o vazio está no olho de quem vê. A característica mais evidente dos lugares *públicos-mas-não-civis* é a dispensabilidade de interação com o estranho.

Já o tempo é pensado na sua história, antes da modernidade não se tem uma história do tempo. Bauman ilustra esta idéia com as olimpíadas antigas onde a meta era vencer a competição e não quebrar um recorde, não se contava o tempo de uma prova, enquanto hoje o tempo faz parte da competição e da sua história. As distâncias começam a perder importância enquanto o tempo ocupa o seu lugar: *a modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras*. (2001:131). Partindo desse conceito ele faz uma distinção entre modernidade pesada, que foi a da conquista territorial e da administração do tempo, e a modernidade leve que é a eficácia do tempo como meio de alcançar valor. Vivemos então na era da *instantaneidade*. Com implicações no trabalho, que não precisa mais ser contado, pois tudo é instantâneo, como também para o capital que se torna *extraterritorial, volátil e inconstante*. Assim também o longo prazo deixou de ter importância sendo substituído por aquilo que é volátil. Os próprios objetos não precisam ser duráveis eles adquirem a característica da transitoriedade. Para Bauman o advento da instantaneidade leva os homens *a um território não-mapeado e*

*inexplorado, onde a maioria dos hábitos aprendidos para lidar com os afazeres da vida perdeu sua utilidade e sentido. (2001:149)*

No capítulo sobre trabalho as diferenças entre a modernidade pesada e a modernidade leve parecem mais evidentes. Enquanto que a ordem e o progresso viriam pelo trabalho na modernidade pesada hoje o trabalho se assemelha mais a um jogo com um jogador antecipando estratégias em *um ou dois movimentos*. A emancipação do trabalho levou a uma coabitação entre o capital e o trabalho na modernidade pesada. Já na modernidade leve *o capital rompeu sua dependência em relação ao trabalho com uma nova liberdade de movimentos, impensável no passado.*(2001:171). Com este rompimento da relação de dependência o trabalhador não aposta mais o seu projeto de vida em uma empresa, pois não pode contar com a segurança pois a marca do trabalho moderno é a *precariedade*. Isto tem repercussão também na vida pública com *uma decomposição dos laços humanos das comunidades e das parcerias*.

Com certo pessimismo em relação aos projetos comunitários que Bauman chega ao final do seu livro tratando da questão da comunidade. Temos o comunitarismo como uma reação à *acelerada “liquefação” da vida moderna*. A comunidade é algo que acontece como uma decisão do indivíduo, mas que está marcada pela provisoriedade das decisões. Essa comunidade tem uma característica étnica em que se reconhece apenas o semelhante. Ela é de certa forma contrária a idéia de Estado-nação cujo objetivo era a supressão das diversas comunidades étnicas e do paroquialismo. Com o comunitarismo temos o retorno do nacionalismo que na idéia de Bauman é distinto do patriotismo.

O nacionalismo tranca as portas, arranca as aldravas e desliga as campainhas, declarando que apenas os que estão dentro têm direito de aí estar e acomodar-se de vez. O patriotismo é, pelo menos aparentemente, mais tolerante, hospitaleiro e acessível – deixa a questão para os que pedem admissão. (2001:203).

As implicações do comunitarismo na modernidade líquida é o retorno das lutas tribais como nos Balcãs e em outras regiões do mundo sem que haja uma possibilidade de solução através de uma ação policial global. O que caracteriza as comunidades explosivas contemporâneas é o fato de elas serem extraterritoriais. São comunidades de espetáculo, o termo utilizado por Bauman

é “cloakroom”, elas buscam a cada dia as manchetes da primeira página. *Essas comunidades de carnaval são o sintoma e às vezes fatores causais da desordem social específica da condição de modernidade líquida. (2001:230).*

Os últimos acontecimentos da crise econômica mundial mostraram a força da enxurrada da modernidade e a sua força destruidora. A pergunta é se é possível construir uma represa que possa contê-la. A questão da modernidade colocada por Bauman não se constrói na dialética incluídos/excluídos, mas entre lentos e velozes. A modernidade sólida era pesada e lenta, a atual, leve, veloz e fluída. A sua principal consequência é que a sociedade está cada vez mais perigosa e insegura. O livro de Bauman conduz a essa discussão, pois não podemos mais avaliar o mundo pela modernidade pesada que já não existe mais ou está agonizando.

Nome do arquivo: Resenha - modernidade de enxurrada  
Diretório: D:\Agemir  
Modelo: C:\Documents and Settings\User\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dotm  
Título:  
Assunto:  
Autor: Cliente  
Palavras-chave:  
Comentários:  
Data de criação: 5/1/2009 12:00:00  
Número de alterações: 10  
Última gravação: 6/1/2009 17:26:00  
Salvo por: Cliente  
Tempo total de edição: 240 Minutos  
Última impressão: 6/1/2009 17:49:00  
Como a última impressão  
Número de páginas: 6  
Número de palavras: 1.982 (aprox.)  
Número de caracteres: 10.709 (aprox.)